
EXPERIÊNCIAS DE EXCLUSÃO SOCIAL EM ÁREA DE ASSENTAMENTO: ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE NOVA VIDA (UPANEMA-RN)

Ana Paula Campos de Farias*¹
Daliane Cristina da Silva Fernande²
Talita Marques Sena³
Kyara Maria de Almeida Vieira⁴

Resumo

O presente artigo objetiva analisar as relações entre os/as moradores/as da Rua dos Negros e das demais ruas do Projeto de Assentamento Novas Vida, localizado no município de Upanema-RN, pondo em ênfase a questão da exclusão social. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, que teve como metodologia empregada a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, com utilização de entrevistas semiestruturadas e relatos de experiência. Após a pesquisa, concluímos que moradores/as da Rua dos Negros não mantêm formas de convívio próximo com moradores/as das demais ruas do Assentamento. Por outro lado, demais moradores/as do P.A Nova Vida enxergam de forma natural esse afastamento mútuo que ocorre desde a fundação do assentamento. Por isso é possível afirmar que há uma separação cultural e histórica dentro do assentamento pautada nos referenciais étnico raciais.

Palavras-chave: Exclusão social. Raça. Etnia. Assentamento. Preconceito.

Abstract

This article aims to analyze the relationship between the residents of the Street of Black and other Settlement Project streets of Nova Vida, located in the municipality of Upanema-RN, putting emphasis on the issue of social exclusion. This is a quantitative and qualitative research that had as methodology used bibliographic research and field research, using semi-structured interviews and experience reports. After research, we concluded that residents of the Blacks Street do not keep forms of living close to residents of other streets. On the other hand, other residents of P.A. Nova Vida sighted naturally this mutual separation that occurs from the foundation of the settlement. So it is possible to say that there is a cultural and historical separation within the guided settlement in racial ethnic references.

* As autoras são filiadas à Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA, Campus Mossoró-RN, Brasil.

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo-UFERSA, Mossoró-RN, Brasil. E-mail: anacampos1985@hotmail.com

² Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo-UFERSA, Mossoró-RN, Brasil. E-mail: dalianefernandes050696@gmail.com

³ Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo-UFERSA, Mossoró-RN, Brasil. E-mail: talitamarquessena88@gmail.com

⁴ Professora do Departamento de Agrotecnologia e Ciências Sociais (DACs), no Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC), UFERSA, Mossoró-RN, Brasil. E-mail: kyara.almeida@ufersa.edu.br

Keywords: Social exclusion. Breed. Ethnicity. Settlement. Preconception.

Introdução

A partir do ingresso na universidade, nos tornamos indivíduos mais críticos e opinantes em assuntos que antes achávamos natural. A proposta desse estudo surge com o desconforto de um grupo de estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Mossoró-RN. A partir da disciplina de História da Educação do Campo passamos a observar com atenção alguns fatos que ocorrem dentro do assentamento, que nos despertaram o interesse em saber por que moradores/as da Rua dos Negros se tornaram isolados/as. A partir da proposta dos/as docentes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo-UFERSA-Mossoró, com o intuito de proporcionar o cruzamento das atividades realizadas no Tempo Escola e no Tempo Comunidade, surgiu a oportunidade para discentes escolherem um tema a ser pesquisado, e partir desta escolha terem orientação para produção de um artigo acadêmico.

Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar junto à comunidade Nova Vida (Upanema-RN) os aspectos sociais que envolvem fatores tais como: discriminação étnico racial, problemas com a evasão escolar, precocidade sexual, alcoolismo e problemas saúde. Nosso trabalho se construiu a partir dos estudos teóricos sobre as categorias exclusão sociais em áreas de assentamento buscando melhor compreender a realidade dessa comunidade a ser investigada, além da pesquisa bibliográfica. Também realizamos coletas de dados através de entrevistas semiestruturadas e conversas informais com moradores/as da Rua dos Negros e das demais ruas da comunidade.

O Projeto de Assentamento Nova Vida⁵ está localizado a vinte e três quilômetros do município de Upanema-RN. Suas terras foram ocupadas no ano de 1996; participaram da ocupação cerca de noventa homens e duas mulheres, que contaram sempre com o apoio de Pe. Pedro Neefs⁶. O mesmo auxiliou na ocupação disponibilizando transportes, alimentação e água para a permanência dessas famílias na terra. Em 1998 começou a construção das casas de alvenaria, no total de cento e quatorze casas construídas pelo INCRA (Instituto Nacional De Reforma Agrária). Atualmente há dezessete casas de filhos de colonos construídas de

⁵ A partir de agora Projeto de Assentamento passa a ser identificado pela sigla P.A

⁶ Religioso de origem holandesa com enorme trabalho social fincado no sertão brasileiro. Natural da cidade de Breda, Holanda, Neefs nasceu no dia 03 de fevereiro de 1929. O trabalho desenvolvido em toda paróquia foi o de defender os mais necessitados, principalmente na luta pela reforma agrária, que ganhou força após a disseminação de suas ideias, já que não existia até então. Ao chegar à cidade o pároco se aproximou do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que prestava assessoria a toda a população ligada ao campo. Disponível em: <<http://blogcarlossantos.com.br/morre-em-recife-pe-o-padre-pedro-neefs/>>. Acesso em 09 de maio de 2016.

forma independente, somando assim 131 casas, divididas em doze vilas. Todas as ruas possuem nomes, porém estas não são reconhecidas pelos moradores. Sua infraestrutura está composta por três igrejas sendo uma católica e duas evangélicas, um posto de saúde, uma sede comunitária, uma escola estadual mantida pelo município, uma quadra de esporte, prédio do padre (casa de produção de polpa), uma creche inacabada, dois campos de futebol, uma casa de apicultura, um poço na agrovila de água salobra, um poço na área coletiva que abastece a vila com sistema de adutora.

A população do P.A está estipulada em seiscentos habitantes a economia da localidade e movida por corte de lenha, agricultura familiar, criação de ovinos, caprinos, bovinos, suínos, aves e etc, servidores públicos como professores (as) ASG (auxiliar de serviços gerais) vigilantes, motoristas escolares, aposentados e pensionistas do INSS (Instituição Nacional Seguro Social), pedreiros (construção civil) e corte de palha (esses dois últimos profissionais buscam trabalho fora do assentamento em época de estiagem).

A pesquisa de campo sobre a exclusão social tem como foco principal as observações sobre a relação entre moradores/as de uma rua localizada no P.A Nova Vida-Upanema/RN chamada Rua dos Negros (Rua João Jose Da Silva) e moradores/as das e as demais ruas da comunidade do P.A Nova Vida. A pesquisa foi realizada com homens e mulheres na faixa etária de 22 a 83 anos de idade. Para este grupo que reside na Rua dos Negros existe exclusão social por parte dos/as moradores/as das outras ruas? Essas pessoas se isolam por defesa ou resistência criando uma espécie de afastamento mútuo dos demais moradores/as? Assim, a partir de tais questionamentos, a presente pesquisa analisa esse fenômeno e as consequências na vida desses sujeitos.

O questionário foi aplicado no mês de abril do ano 2016 com participação de oito pessoas distribuídas nas demais ruas e cinco pessoas da Rua dos Negros. Nosso objetivo era entrevistar uma pessoa por família que totalizaria dez pessoas de acordo com o número de casas daquela rua, mas não foi possível, pois algumas pessoas se negaram a responder o questionário por vergonha, timidez, entre outras questões não reveladas pelas mesmas. O questionário aborda as questões de gênero e as relações sociais entre os sujeitos e a comunidade, atenta também o baixo nível de escolaridade e como as pessoas lidam com as questões gênero, raça e etnia.

Relações de convivência entre moradores/as da Rua dos Negros e das demais ruas do assentamento Nova Vida

O P.A Nova Vida já existe há vinte anos, e apresenta duas gerações diferentes, os que vieram com seus pais desde a ocupação, em faixa etária entre cinco e dez anos de idade e os que foram concebidos e nascidos no próprio assentamento. Por que esse fato é relevante? Para podermos entender que o cenário aparentemente continua o mesmo, as crianças, adolescentes, adultos e idosos da Rua dos Negros ainda são tratadas com indiferença nos diversos espaços da comunidade. As relações existentes entre os moradores/as do Projeto de Assentamento Nova Vida se restringem ao convívio social, não há uma interação entre ambos, cada uma vive em seu espaço, não há diálogo e troca de experiência.

Segundo Santos (2003, p.86 apud ALVES & CRISÓSTOMO, 2013, p. 1):

Discriminamos os negros, mas resistimos a reconhecer a discriminação racial que praticamos contra esse grupo racial. (...) o racismo está no outro bairro, na outra empresa, na outra universidade, na outra cidade, no outro estado, em outro país, entre outros, menos em nós mesmos. Nós, por mais que os dados estatísticos oficiais e não oficiais nos indiquem abismais desigualdades entre negros e brancos, achamos que não temos nada a ver com isso, pois a maioria absoluta dos brasileiros só vê o racismo dos outros e nos outros, nunca neles mesmos.

Parece claro afirmar que preconceito existe em diversas esferas da sociedade, mas não ocorre uma afirmação dos sujeitos sobre esse assunto por ser uma questão culturalmente introjetada na sociedade.

Dados de moradores/as da Rua dos Negros

A pesquisa foi desenvolvida com cinco pessoas da Rua dos Negros sendo quatro mulheres na faixa etária de trinta a cinquenta e três anos de idade, grau de escolaridade ensino fundamental I, e um homem com setenta e cinco anos e analfabeto. Ambos relataram que tinham vontade de estudar, mas as condições financeiras não eram suficientes e havia falta de transporte na época, ou porque tinham que ajudar na própria renda familiar. Já outros relataram o desinteresse em aprender. Duas mulheres falaram que se tivessem oportunidade na própria localidade voltariam a estudar. Todas/os se declararam heterossexuais.

Os/as entrevistados/as tem convivência com pessoas das demais ruas como amizades, namoro e casamentos, todos afirmaram que mantem o ciclo de amizade no âmbito social; duas mulheres casaram com pessoas da mesma rua, outra após duas relações com parceiro da

mesma rua, atualmente se relaciona com parceiro das demais ruas. Três das mulheres são fumantes e ingerem bebidas alcoólicas; o homem entrevistado nunca ingeriu bebidas alcoólicas, no momento não fuma, mas já fumou.

Dados de moradores/as demais ruas da comunidade Nova Vida

Foram entrevistadas oito pessoas das demais ruas da comunidade, sendo quatro mulheres na faixa etária de vinte e cinco a cinquenta e oito anos. Se declararam heterossexual, com nível de escolaridade entre ensino fundamental I e ensino superior incompleto. Dos quatro homens entrevistados a idade está entre vinte e dois a oitenta e três anos de idade; destes, três se declaram heterossexuais e um homossexual; três homens com ensino fundamental II incompleto e somente um com ensino fundamental I incompleto. Os/as mesmos/as tem convivência com pessoas da Rua do Negros, e somente uma mulher afirmou não ter relação nenhuma. O convívio resume-se aos encontros casuais em ambientes como comércios, igrejas, bares e reuniões da associação dos produtores rurais onde todos os colonos sócios participam. Duas das mulheres fumam, nenhuma delas ingere bebidas alcoólicas, mas já ingeriram antes; dois homens são fumantes e ingerem bebidas alcoólicas.

Relações matrimoniais e familiares entre os moradores/as

Os moradores do P.A Nova Vida, especialmente os/as da Rua dos Negros, tem relações matrimoniais em sua maioria endógena, assim evita-se abertura para integrantes desconhecidos do seu núcleo familiar, fortalecendo as relações entre eles/as. Com relação às outras ruas, existe uma interação visível e contínua ao longo desses vinte anos. Segundo Pratta (2007):

A família é uma instituição de grande importância para o desenvolvimento e amadurecimento dos indivíduos. Ela deve garantir a sobrevivência da espécie, proporcionar suporte afetivo e emocional, dispor de ambiente adequado à aprendizagem e transmitir os valores culturais da sociedade. As relações estabelecidas nesse ambiente são determinantes de comportamentos futuros de seus membros.

Fica claro que a família é o primeiro contato que o ser humano tem com sua própria espécie, é através dela que vai se contruindo o indivíduo, seu convívio social e a construção de sua identidade que esta culturalmente ligada as suas relações familiares.

Rua dos Negros e matrimônio

Uma mulher está no primeiro casamento, uma no segundo, duas estão no terceiro casamento. Tiveram filhos na faixa etária de treze a vinte e sete anos de idade, em média de quatro a treze filhos. O homem entrevistado está no primeiro casamento, tem treze filhos, o mesmo não lembra a idade que foi pai.

Demais ruas da comunidade e matrimônio

Três mulheres estão no primeiro casamento, uma já casou duas vezes, mas no momento se encontra solteira. Foram mães entre quatorze e vinte e dois anos de idade, de um a oito filhos. Os homens tiveram de dois a nove filhos, seu primeiro filho de dezesseis a trinta e cinco anos; um homem não tem filhos. Um deles foi casado uma vez, mas atualmente se encontra viúvo. Outro está solteiro, outro casou duas vezes, e o último casou cinco vezes e hoje esta viúvo.

Experiências com o preconceito a partir das narrativas dos/das moradoras/as

Ao longo da pesquisa percebemos que mesmo hoje as pessoas continuam sem saber o que é pertencer a uma raça ou a uma etnia. Muitos não se reconhecem com a raça/etnia a qual estão associados a partir das definições do IBGE (branco, negro, pardo, mulato, cafuso, indígena, remanescente quilombola, etc). A entrevistada “A⁷” ao ser questionada sobre sua raça, diz ser “morena clara”. Mas, ao responder outra pergunta sobre se tem parentes negros, a entrevistada “A” respondeu que sim, incluindo os filhos. É possível observar a partir da pesquisa no campo, que a Entrevistada “A” tem traços físicos que a associam diretamente a identidade étnico-racial negra.

Sua negação da identidade étnico-racial pode ser associada à vergonha, ao medo de ser humilhada como fizeram com seus antepassados. Já que o que foi colocado ao longo da história ocidental é que o branco é superior ao negro.

Com base no Estatuto da Igualdade Racial, Lei Nº 12.288 de julho de 2010, e o Decreto Nº 8.136 de 2013, citado por Alves & Crisóstomo (2013, p. 1), temos as seguintes definições:

Art. 1º. Esta lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos

⁷ A partir de agora passaremos a nos referir as/os entrevistadas/os por letras do alfabeto para preservar suas identidades.

direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

II – desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica.

É perceptível os avanços e ganhos com relação ao reconhecimento da importância das populações identificadas com a cultura afrodescendente e indígena em nosso país. Os movimentos sociais em sua luta histórica, como também as legislações a partir da primeira década do século XXI, como a citada acima, têm proporcionado outras experiências para essas populações.⁸ Todavia, as transformações culturais se dão em longo prazo e ainda há muito a fazer e a ser modificado.

Sobre as divisões raciais que ainda prevalecem em nossa sociedade apesar das transformações, afirma Munanga (2013, p. 3):

Em qualquer operação de classificação, é preciso primeiramente estabelecer alguns critérios objetivos com base na diferença e semelhança. No século XVIII a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d'água entre as chamadas raças. Por isso, que a espécie humana ficou dividida em três raças estanques que resistem até hoje no imaginário coletivo e na terminologia científica: raça branca, negra, amarela. Ora, a cor da pele e definida pela concentração de melanina. É justamente o grau dessa concentração que define a cor da pele, dos olhos e do cabelo. A chamada raça branca tem menos concentração de melanina, o que define a sua cor branca, cabelos e olhos mais claros que a negra que concentra mais melanina e por isso tem pele, cabelos e olhos mais escuros e a amarela numa posição intermediária que define a sua cor de pele que por aproximação é dita amarela.

Atualmente essas denominações de raça pura não existem mais no campo acadêmico da genética, o que não significa dizer que todos sejam geneticamente semelhantes para serem classificados em raça branca, negra e amarela, ao longo desse processo que vem sendo

⁸ Como outros exemplos, agora relacionados às práticas educacionais, podemos citar que em 2003, a Lei 10.639 alterou a LDB (lei 9.394/96) para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira. Já em 2008, a Lei 11.645 alterou novamente a LDB para incluir no currículo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos indígenas. Assim, a legislação passou a exigir a inclusão, no currículo oficial da rede de ensino básico, a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

construído. Com aperfeiçoamento desses estudos a raça passou a ser definida como humana. Segundo Munanga (2013, p. 8): “o racismo e as teorias que o justificam não caíram do céu, eles tem origem mística e histórica conhecidas: a primeira deriva do mito bíblico de Noé; a segunda tem uma história ligada ao modernismo ocidental”. Essa hierarquia ainda é muito presente na sociedade pois tem seus valores culturais transmitidos de geração para geração.

Silva (2005, p.100) é outro autor que aborda o mesmo tema e afirma:

A identidade étnica e racial é, desde o começo uma questão de saber e poder. A própria história do termo mais fortemente carregado e polêmico, o de “raça”, está estreitamente ligada às relações de poder que opõem o homem branco europeu às populações dos países por eles colonizados. Consolidado no século XIX, como uma forma de classificação supostamente científica da variedade dos grupos humanos, com base em características físicas e biológicas, o termo “raça” tornou-se, nesse sentido, crescentemente desacreditado.

Os autores citados abordam a mesma linha de pensamento uma vez que essas teorias são desenvolvidas cientificamente, mas na prática não conseguem ainda ser vivenciadas, pois a trajetória cultural predomina ainda o preconceito com essas populações, mesmo existindo fortes movimentos sociais engajados nessa luta para dizimar o preconceito, seja por cor da pele, raça, etnia, modo de falar, condição social, orientação sexual, prática religiosa.

Rua dos Negros e definição étnico-racial

Das quatro mulheres entrevistadas duas se consideram pardas, uma morena e outra morena clara. O homem também se diz moreno, ambos tem parentes negros na família, não só na rua que residem, mas também nas demais ruas da comunidade.

Os/as entrevistados/as deram definição do conceito de preconceito com base no senso comum e afirmaram que nunca sofreram nenhum tipo de preconceito. Porém, através das conversas informais durante as entrevistas foram tendo base do que se tratava. Após as conversas, duas mulheres mudaram de opinião e disseram ter sofrido preconceito por ter muitos filhos e relataram preconceito de várias formas como sendo uma coisa ruim, feia que não deveria existir, a entrevistada “B” diz que ter preconceito é errado, cada um tem um destino a ser seguido, as vezes a pessoa não quer ser aquilo e acaba indo para o mundo incerto (em relação as drogas). O entrevistado “C” diz acho que seja errado, digo aos meus filhos que respeite as pessoas como elas são.

Demais ruas da comunidade e definição étnico-racial

As quatro mulheres entrevistadas cada uma se diz, morena, negra, parda e branca, as mesmas definiram o preconceito baseado no senso comum como a entrevistada “D” relata: “É você ser indiferente a um determinado assunto e julgar sem ter as informações necessárias”. As demais disseram que é tratar as pessoas mau, chingamento, e é uma coisa horrível. Uma mulher afirma nunca ter sofrido nenhum tipo de preconceito, e as demais sofreram situações diversas por ser gorda, por ter “cabelo ruim de pipoca”, engravidar nova e ser mãe solteira. Todas elas afirmaram ter parentes negros. Dos quatro homens, dois se disseram morenos, um branco e outro pardo; dois não opinaram sobre o conceito de preconceito e os demais disseram que “é dizer coisas perjorativas com as pessoas e não aceitar a pessoa como ela é”. Dois deles vivenciaram situações de preconceito como pela “maneira humilde de ser” e outro “pela orientação sexual, por ser homossexual”.

Conclusão

Através de estudos teóricos sobre exclusão social e etnia, indentificamos que o preconceito sofrido pelos moradores/as da Rua dos Negros tem características de desigualdade étnico-racial, pois os/as mesmos/as tem acesso restrito aos bens comuns do P.A Nova Vida por falta de interação social, que é responsável por provocar uma modificação de comportamento entre os indivíduos envolvidos. Os contatos sociais e a interação constituem condições indispensáveis ao convívio humano. Mas, neste caso estudado, durante nossa coleta de dados observamos que quase não há essa interação entre as pessoas das ruas mencionadas.

Na medida que aprofundamos nossa pesquisa, os indícios dessa desigualdade étnico-racial foi ficando cada vez mais presente no cotidiano das relações desses sujeitos. Um fato/dado que identificamos durante nossa produção acadêmica, e que nos chama a atenção, é que nunca nenhum cargo de diretoria da associação comunitária do P. A. Nova Vida fora ocupado por alguém que residia/reside na Rua dos Negros. Percebemos que eles não relacionam as experiências de discriminação e exclusão social vivenciadas por eles/as como forma de preconceito. Entretanto, precisamos ainda destacar que eles/as não buscam a inserção social, formas de aproximação, de convívio com demais moradores/as, ficando assim excluídos/as da participação da vida em comunidade. Por outro lado, demais moradores/as do P.A Nova Vida enxergam de forma natural esse afastamento mútuo que

ocorre desde a fundação do assentamento e, dessa forma, é possível afirmar que há uma separação cultural e histórica dentro do assentamento pautada nos referenciais étnico-raciais.

Referência Bibliográfica

ALVES, Luanne Jacielle da silva & CRISÓSTOMO, Adinei Almeida. Discriminação racial: uma herança perdura há século. In. **EFDeportes.com Revista Digital**. Buenos Aires - Nº181- junho de 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acessado em 04 de maio de 2016.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Geraaufms/uma-abordagem-conceitual-das-noes-de-raca-racismo>>. Acessado em 12 de fevereiro de 2016.

PRATTA, Elisângela Maria M.; SANTOS, Manoel Antonio. Família e Adolescência: A Influência do Contexto Familiar no Desenvolvimento Psicológico de seus Membros. In. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu Da. **Documentos de identidade; uma introdução as teorias do currículo**. 2 ed., 9ºreimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.